

Uma reflexão sobre o papel de Judas Iscariotes na poesia de José Saramago

A reflection on the role of Judas Iscariot in the poetry of José Saramago

RODRIGO CONÇOLE LAGE

Graduado em História. Especialista em História Militar (UNISUL)
Professor da SEEDUC-RJ, no Colégio Estadual Governador Roberto Silveira
E-mail: rodrigo.lage@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste artigo é estudar o modo como o escritor português José Saramago elabora uma releitura da *Bíblia*. O assunto tem sido muito estudado na sua obra ficcional, mas não em sua produção poética. Consequentemente, visando contribuir para um melhor conhecimento da questão, decidimos examinar de que modo ele trabalhou a figura do apóstolo Judas no poema homônimo. Com essa finalidade, dividimos nosso trabalho em duas partes. Na primeira, apresentamos um breve resumo das informações conhecidas sobre o apóstolo, tal como apresentada nos evangelhos. Na segunda, a partir desses dados, apresentamos uma análise do texto, discutindo suas ideias sobre Deus e sobre o papel de Judas.

Palavras-chave: José Saramago. Judas Iscariotes. Poesia portuguesa.

Abstract: The objective of this work is to study how the Portuguese writer José Saramago shall draw up a rereading of the Bible. The matter has been much studied in his fictional work, but not in your poetic work. Consequently, aimed at contributing to a better understanding of the question, we decided to examine how he worked the figure of Apostle Judas in the homonymous poem. For this purpose, we divide our work into two parts. In the first, we present a brief summary of the known information about the apostle, as presented in the gospels. In the second, from this informations, we present an analysis of the text, discussing their ideas about God and about the role of Judas.

Keywords: José Saramago. Judas Iscariot. Portuguese poetry.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Cristianismo tem, direta e indiretamente, forte presença na obra do escritor José Saramago. Livros como *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, *Caim*, *A Segunda Vida de Francisco de Assis* e *In Nomine Dei* são de temática cristã. Sem contar as referências ao Cristianismo e à *Bíblia*, que podem ser encontradas em outras obras. No que diz respeito a sua poesia, por exemplo, ela está presente no *Salmo 136*, *Natal*, *A um cristo velho*, *Judas* e *Sé velha de Coimbra*, de *Os poemas possíveis*.

A constatação desse fato nos levou a escolher, como objeto de estudo, um de seus poemas. Os poemas de Saramago têm sido pouco estudados, em comparação número de estudos de seus romances e peças de teatro. O poema escolhido foi *Judas*, devido à importância da figura do apóstolo na da literatura ocidental:

Judas, tal qual chegou até hoje na tradição cristã, configura-se como um dos personagens mais referenciados na literatura ocidental. Sua traição a Jesus, e o que ela representa para o imaginário religioso, é constantemente retomada pela literatura, como sugere o conto ao colocar em plano semelhante outros pontos de vista sobre a narrativa (OLIVEIRA, 2016, p. 11).

Assim, na próxima seção, vamos examinar o que os evangelhos bíblicos e o *Evangelho de Judas* falam a respeito do apóstolo, pois são as fontes a partir das quais sua imagem foi construída pelos cristãos ao longo do tempo. Mesmo que o evangelho apócrifo tenha sido descoberto depois da publicação do poema, na década de 1970, a essência do que ele ensina era conhecida. A comparação dos dois textos ajuda a entender como a leitura que Saramago faz da figura de Judas tem ligação com algumas ideias que já existiam desde os primeiros séculos do cristianismo e que serviram de inspiração para outros autores, em oposição a visão oficialmente aceita pelo Cristianismo.

Como não sabemos quais versões da *Bíblia* Saramago conhecia, e utilizava como referência, partimos do princípio de que deve ter utilizado, ao longo do tempo, edições modernas e, pelo menos, uma tradução em português. Como o escritor vivia em uma sociedade na qual predominava a Igreja Católica e não as igrejas evangélicas, optamos por utilizar uma tradução católica. Ela vai nos apresentar uma versão oficialmente aceita do texto de modo que, mesmo que existam algumas diferenças vocabulares em relação a outras traduções, as diferenças não atingem o conteúdo daquilo que foi dito.

Nosso objetivo é analisar o poema *Judas* de Saramago e sua associação com dois pontos de vista sobre o apóstolo. Em primeiro lugar, temos o ortodoxo, pois tanto católicos quanto protestantes não apresentam maiores divergências na leitura que fazem do papel de Judas. Por outro lado, temos o heterodoxo, surgido depois do século entre os gnósticos, no meio daqueles grupos que, de modo geral, vão ser chamados de heréticos. Isso nos permitirá identificar o modo como o poeta faz uma releitura daquilo que é aceito oficialmente pelos cristãos, dentro de um projeto de crítica ao Cristianismo.

2 UM OLHAR SOBRE A FIGURA DO APÓSTOLO JUDAS

A figura do apóstolo Judas Iscariotes ficou profundamente marcada no imaginário ocidental por ter traído Jesus por dinheiro e se tornou o arquétipo do traidor. Assim, “por séculos, mesmo com as contradições presentes nos textos canônicos do Novo Testamento, foi visto como um vilão supremo, ladrão ganancioso, um seguidor infiel possuído pelo demônio” (SANTOS, 2015, p. 7). Essa foi a imagem transmitida pelos Evangelhos, pela tradição oral e pela literatura cristã patrística e medieval até os dias de hoje.

Contudo, isso não quer dizer que, mesmo entre os próprios cristãos e os grupos considerados heréticos, não tenha existido uma opinião diferente. A predominância de um determinado ponto de vista implica, em muitos casos, supressão das ideias divergentes. A descoberta do *Evangelho de Judas* revelou-nos com maiores detalhes outra

perspectiva, “que não é, necessariamente, a verdade, mas sabe-se que, nos primeiros séculos da Era cristã, era considerada correta por algumas comunidades cristãs dispersas” (SANTOS, 2015, p. 7). Essa interpretação não era totalmente desconhecida dos estudiosos do Cristianismo, de modo que Saramago pode ter lido algo a respeito, mas, com a descoberta do texto, ela passou a ser conhecida com maiores detalhes.

Assim, se oficialmente e para a grande maioria ele foi o grande traidor, existiram aqueles grupos que consideravam Judas como um dos apóstolos que Jesus mais estimava e, defendendo que a traição era necessária porque fazia parte de plano divino da salvação, ofereciam um motivo palpável para a traição. Assim, para conhecer um pouco melhor o que os cristãos dizem a respeito desse apóstolo, vamos examinar o que dizem os textos bíblicos, com suas contradições, para então apresentarmos um olhar diferente sobre ele.

Judas Iscariotes (קריית איש יהודה, no hebraico; Ἰούδας Ἰσκαριώθ (*Iouda Iskariôth*) ou Ἰσκαριώτης (*Iskariotes*), no grego bíblico) foi um dos doze apóstolos escolhidos por Jesus. Ele “se distingue dos outros discípulos por meio do sobrenome “Iscariotes”; todos os outros apóstolos são chamados apenas pelo primeiro nome acrescido, às vezes, de sua filiação ou da profissão exercida” (OLIVEIRA, 2016, p. 16). Mas não existe nenhuma explicação para esse fato.

Seu sobrenome, “em hebraico, é *ish Qeryoth*, termo que significa *homem de Queriot* (*Evangelho de João 6:71*), pequena aldeia localizada na província romana da Judeia” (SANTOS, 2015, p. 8). Ela costuma ser identificada como sendo a cidade de Cariot-Esron, que é citada no *Velho Testamento*, em *Josué 15:25*¹ (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 1393) e em *Amós 2:2* (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 1232). Mas não existe nenhuma prova inequívoca de que seja realmente a mesma.

Curiosamente, ele aparece com o sobrenome em *Lucas 6:16* (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 1354) e *Mateus 26:14* (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 1317), mas, em *João 6:71*, não. Por outro lado, é citado junto com o nome do pai, o único de seus familiares citado na Bíblia: “Ele se referia a Judas, filho de Simão Iscariotes, porque era quem o havia de entregar, não obstante ser um dos Doze” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 1393). Contudo, ao longo do tempo, outras interpretações foram atribuídas ao seu sobrenome. Segundo o papa Bento XVI (2016),

Outros interpretam-no como variação da palavra “sicário”, como se aludisse a um guerrilheiro armado com um punhal que em latim se chama sica. Por fim, há quem veja no sobrenome a simples transcrição de uma raiz hebraico-aramaica que significa: “aquele que estava para o entregar”. Esta designação encontra-se duas vezes no IV Evangelho, ou seja, depois de uma confissão de fé de Pedro (cf. Jo 6, 71) e depois durante a unção de Betânia (cf. Jo 12, 4).

Seja como for, os Evangelhos fornecem poucas e contraditórias informações a seu respeito. Contudo, apesar das divergências existentes nos diferentes relatos, existe um ponto em comum entre os diferentes Evangelhos: “consiste no fato de o nome e o sobrenome de Judas estarem sempre em último lugar todas as vezes em que três, dos

¹ Na tradução utilizada o nome foi transliterado como Cariot.

quatro evangelistas, Mateus, Marcos e Lucas, fazem uma listagem dos apóstolos” (OLIVEIRA, 2016, p. 15).

No relato de *João* 12:6, é dito que atuava como uma espécie de tesoureiro dos apóstolos. Mas, segundo o evangelista, exercia essa função com o objetivo de roubar: “Dizia isso não porque ele se interessava pelos pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, furtava o que nela lançavam” (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1401). Não é dito de que forma o crime é descoberto, nem se essa descoberta ocorre durante seu apostolado. Caso isso tivesse ocorrido, o natural era que ele fosse retirado do cargo. Chama a atenção o fato de que essa acusação não é citada nos outros Evangelhos:

Segundo teólogos, a explicação para essa acusação seria que o Evangelho de João, escrito nos fins do séc. I (um dos últimos na demanda), com o objetivo de complementar o registro da vida, morte e ressurreição de Jesus, ao absorver detalhes dos Evangelhos anteriores (Marcos, Mateus e Lucas), tenha feito suas próprias explanações e acréscimos a respeito de Judas Iscariotes. Salienta-se que, numa leitura cautelosa dos quatro Evangelhos canônicos, do mais antigo para o mais novo, fica evidente como a figura do traidor vai sendo obscurecida e desumanizada até se converter na encarnação do próprio mal (SANTOS, 2015, p. 12).

O fato de ser um ladrão é importante porque, segundo *Mateus* 26: 14-15, Judas traiu Jesus movido pela cobiça, o mesmo motivo que o fez roubar: “Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes e perguntou-lhes: ‘Que quereis dar-me e eu vo-lo entregarei.’ Ajustaram com ele trinta moedas de prata,” (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1317). Mas, existem muitas contradições nos relatos evangélicos. Se em algumas passagens existe a ideia de que traiu Jesus por vontade própria, movido pela ganância, em *Lucas* 22:1-3 e em *João* 13:21-27 foi dito que a traição ocorreu porque foi possuído pelo Diabo. Leituras que se ajusta ao modo como a figura do Diabo e seu papel na economia divina vão sendo construídos nos textos bíblicos:

Deus é assim, no Antigo Testamento, simultaneamente o Bem e o Mal. O Diabo não é senão o seu servidor e nunca se encontra o conflito que colora tão fortemente o Novo Testamento, onde o Diabo aparece sempre como o inimigo de Deus e o Príncipe deste mundo, em oposição ao Rei dos céus [...] a teologia do Antigo Testamento não concebe senão um pólo único no universo, e o Diabo nunca tem aí senão um papel conforme à vontade do Criador. Satanás é o Mal? Não, ele é o sofrimento pretendido pela vontade de Deus (MESSADIÉ, 2001, p. 303).

Mas as divergências entre os evangelhos são ainda maiores em outros pontos. Na citada passagem de *Lucas*, é dito que Judas foi possuído por Satanás antes da ceia da Páscoa e que, somente depois da possessão, ele foi procurar os sacerdotes e capitães: “1 Aproximava-se a festa dos pães sem fermento, chamada Páscoa. 2 Os príncipes dos sacerdotes e os escribas buscavam um meio de matar Jesus, mas temiam o povo. 3

Entretanto, Satanás entrou em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, um dos doze” (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1378).

Por outro lado, em *João* 13, um relato muito mais extenso, vemos que essa possessão ocorreu durante a ceia da Páscoa (não antes), que os apóstolos são informados sobre a traição e quem seria o traidor. Isto contradiz Lucas, pois nele é dito que a ceia ainda não tinha sido celebrada e que Jesus diz a Judas para fazer o que tinha de fazer, traí-lo. Esse fato é relatado no versículo 30: “Tendo Judas recebido o bocado de pão, apressou-se em sair. E era noite...” (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1404). Isso é contraditório pelas mesmas razões. No primeiro caso, o apóstolo foi apresentado como um mero traidor, mas aqui foi apresentado como um instrumento de Deus no plano da salvação. Consequentemente, ele não teria agido por livre-arbítrio, mas movido pela vontade divina, como podemos ler em *João* 13:21-27:

21 Dito isso, Jesus ficou perturbado em seu espírito e declarou abertamente: “Em verdade, em verdade vos digo: um de vós me há de trair!...”. 22 Os discípulos olhavam uns para os outros, sem saber de quem falava. 23. Um dos discípulos, a quem Jesus amava, estava à mesa reclinado ao peito de Jesus. 24. Simão Pedro acenou-lhe para dizer-lhe: “Dize-nos, de quem é que ele fala”. 25. Reclinando-se esse mesmo discípulo sobre o peito de Jesus, interrogou-o: “Senhor, quem é?”. 26. Jesus respondeu: “É aquele a quem eu der o pão embebido”. Em seguida, molhou o pão e deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. 27. Logo que ele o engoliu, Satanás entrou nele. Jesus disse-lhe, então: “O que queres fazer, faze-o depressa” (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1403).

Não se pode esquecer que os quatro evangelhos se apresentam como relatos históricos sobre a vida de Jesus. A autoria de três deles é atribuída a discípulos de Jesus, que teriam presenciado a maior parte dos acontecimentos. Isso deveria levar a uma certa uniformidade na descrição dos fatos históricos, mas não é o que acontece. Temos uma série de afirmações totalmente opostas e inconciliáveis sobre os mesmos fatos. Os evangelistas vão totalmente contra aquilo que na lógica é conhecido como o princípio da não contradição de Aristóteles, que defende que uma proposição verdadeira não pode ser falsa e que uma proposição falsa também não pode ser verdadeira. Aparentemente, os próprios autores dos Evangelhos não se preocuparam em apontar e corrigir os erros que os outros evangelistas cometeram, nesse sentido não há uma busca do que realmente aconteceu. Consequentemente, como fonte histórica o texto bíblico é, em muitos pontos, problemático.

Nesse sentido, o próprio relato de sua morte² apresenta muitas divergências. Mas, antes disso, é importante destacar o fato de que em *Atos* 1:3 foi dito que, no período de quarenta dias, após a ressurreição, Jesus apareceu várias vezes. Segundo *1 Coríntios* 15:5, Jesus também teria sido visto por Judas: “apareceu a Cefas, e em seguida aos Doze” (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1479). O problema dessa afirmação é que, em *Mateus* 27:3-10 (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1319), foi dito que Judas se matou antes da ressurreição,

² Laodiceia. Uma tradução em inglês desse fragmento está disponível na internet em: <https://web.archive.org/web/20140910155741/http://www.chronicon.net/index.php/papias>.

como podemos ler no capítulo 28:1-10 (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1321). Portanto, se isso é verdade, Jesus só poderia ter aparecido aos onze restantes, não aos doze.

É bom lembrar que Matias foi escolhido como substituto de Judas, como podemos ler em *Atos 2*, depois que Jesus voltou para o Céu; para só retornar no futuro, tal como está relatado no *Apocalipse*. Consequentemente, ao dizer que apareceu aos doze, Paulo não está se referindo a Matias. Além dessa divergência, no que diz respeito à morte de Judas, vamos encontrar duas grandes contradições. A primeira diz respeito ao local em que ele morreu, chamado Campo de Sangue. Segundo o relato de *Atos 1:18-19*, Judas comprou o terreno, com o dinheiro recebido pela traição, para se matar nele:

18 (sic) Este homem adquirira um campo com o salário de seu crime. Depois, tombando para a frente, arrebitou-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram. 19 (Tornou-se este fato conhecido dos habitantes de Jerusalém, de modo que aquele campo foi chamado na língua deles *Hacéldama*, isto é, Campo de Sangue.) (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1414).

Assim, de acordo com essa versão, Judas comprou o campo com o dinheiro recebido pela traição e, por ter derramado seu sangue naquele local, ele passou a ser chamado Campo de Sangue. O problema dessa afirmação é que, segundo *Mateus 27:6-8*, o terreno foi comprado pelos sacerdotes e, o que é tão ou mais grave, foi o fato de ser utilizado para sepultar as pessoas é que fez com que ele passasse a receber esse nome:

6 Os príncipes dos sacerdotes tomaram o dinheiro e disseram: “Não é permitido lançá-lo no tesouro sagrado, porque se trata de preço de sangue”. 7 Depois de haverem deliberado, compraram com aquela soma o campo do Oleiro, para que ali se fizesse um cemitério de estrangeiros. 8 Essa é a razão por que aquele terreno é chamado, ainda hoje, “Campo de Sangue” (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1319).

Mas existem aqueles que interpretam o nome do local como sendo uma referência ao sangue derramado por Jesus, que foi ali enterrado. Por outro lado, se o relato de *Atos* diz que morreu de uma queda, *Mateus 27: 3-5* diz que ele se enforcou depois de devolver o dinheiro aos sacerdotes, por ter se arrependido do que fez:

3 Judas, o traidor, vendo-o então condenado, toma-do de remorsos, foi devolver aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos as trinta moedas de prata, 4 dizendo-lhes: “Pequei, entregando o sangue de um justo”. Responderam-lhe: “Que nos importa? Isto é lá contigo!”. 5 Ele jogou então no templo as moedas de prata, saiu e foi enforcar-se (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1319).

Assim, nem mesmo a sua morte foi descrita com precisão. Lembrando que *Atos* é atribuído a Lucas, não tendo sido escrito por alguém que participou diretamente dos acontecimentos. Essas são algumas das contradições, mas existem outras. Essa divergência tem sido examinada desde o período patrístico. Desde então, elas têm sido

interpretadas de muitas maneiras, normalmente de forma simbólica. Com isso, teólogos e comentadores da Bíblia defenderam e ainda defendem que o que existe são erros de interpretação.

Um exemplo desse tipo de leitura envolve o que foi dito em *Mateus* 27:9: “Então se realizou o que vaticinara o profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço do que foi avaliado, que certos filhos de Israel avaliaram [...]”. Nesse versículo ocorre um erro de citação porque a passagem citada não está no livro *Jeremias*, mas em *Zacarias* 11:12-13:

12 Eu disse-lhes: “Dai-me o meu salário, se o julgais bem ou, então, retende-o!” Eles pagaram-me apenas trinta moedas de prata pelo meu salário. 13 O Senhor disse-me: “Lança esse dinheiro no tesouro, esta bela soma, na qual estimaram os teus serviços”. Tomei as trinta moedas de prata e lancei-as no tesouro da casa do Senhor (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1278).

Para alguns exegetas, Jeremias era, na época de Jesus, o livro que encabeçava o rolo dos livros proféticos. Isto é, o apóstolo estaria citando “o nome do livro que encabeçava a seção profética, primeiro desse grupo, aludindo ao grupo inteiro de livros mais que ao específico de Jeremias” (MILLOS, 2009, p. 1958, tradução nossa). O problema dessa afirmação é que Millos não apresenta nenhuma comprovação de que, na época de Jesus, as citações dos textos proféticos eram feitas desse modo, nem apresenta nenhum outro exemplo desse tipo de ocorrência.

Por outro lado, seu comentário é pouco confiável porque, ao falar do nome dado ao Campo de Sangue, ele afirma: “Existem aqueles que supõem que o nome do campo se deu porque foi ali onde Judas se suicidou” (MILLOS, 2009, p. 1957, tradução nossa). Isso não é a suposição de alguns como ele diz, mas um resumo do que foi relatado em *Atos* 1:18-19 e é o que normalmente se ensina no meio cristão. O autor, intencionalmente, deixa de mencionar a outra referência de modo que não faz uma comparação entre os dois relatos.

Além disso, suas análises ignoram totalmente os inúmeros comentários produzidos desde a patrística. Estudar as diferentes explicações dadas pelos cristãos a cada contradição exigiria vários estudos específicos sobre a questão, o que não é a finalidade de nosso trabalho. Nosso objetivo foi o de apresentar os relatos sobre Judas e as diferenças encontradas nos textos bíblicos para, na próxima seção, examinar o modo como o escritor José Saramago faz uma releitura dos fatos relatados. Se a versão que predominou entre os cristãos foi a de que Judas foi um traidor, vemos que *João* deixa implícito um segundo ponto de vista, o de que Judas foi uma peça do plano de salvação. Ideia que circulou entres os gnósticos, no meio dos quais foi escrito o *Evangelho de Judas*.

Na década de 1970, foi descoberto no Egito, no deserto perto de El-Minya, o *Codex Tchacos* de 66 páginas escrito em copta (uma tradução do grego) no séc. III ou IV. Ele veio a ser publicado pela primeira vez em 2006, mas, pelo mal estado do manuscrito não foi possível recuperar todo o texto. Ele continha quatro textos: o *Evangelho de Judas*, o *Primeiro Apocalipse de São Tiago*, *Carta de Pedro a Filipe* e o *Livro de Allogenes*. Apesar do seu conteúdo ser, até então, desconhecido, o *Evangelho de Judas* era conhecido de nome

porque havia sido citado por Irineu de Lion (130-202 d.C.) no *Contra as Heresias* (1, 31) como sendo uma obra do grupo gnóstico dos Cainitas.

Como o livro de Irineu foi uma das principais fontes sobre as heresias do período patrístico, outros autores citaram este evangelho a partir dele. Assim, ele também foi mencionado por Epifânio de Salamina (310/320-403 d.C.) no *Panarion* (38) e por Teodoreto de Cirro (393-458/466 d.C.) no *Haereticarum fabularum compendium* (I.15). O que não quer dizer que o texto que conhecemos seja o mesmo, pois nada impede que tenha existido mais de uma obra com o mesmo nome. Seja como for, o que nos interessa é o tema central da obra, o papel do apóstolo no plano divino da salvação.

A afirmação central desse Evangelho é que Judas foi o melhor amigo de Jesus, possuindo mais conhecimento que os outros discípulos. Por isso Jesus o teria encarregado de traí-lo por amor à salvação, pois, sem a traição, Jesus não teria sido crucificado e não teria podido ressuscitar. Judas teria perguntado a Jesus o que receberia em troca da traição. Jesus respondeu-lhe que, em troca, todo o mundo o odiaria para sempre e o condenaria, mas ele brilharia no céu como uma estrela especial (ZILLES, 2006, p. 906).

Pelo que foi dito, podemos ver que o *Evangelho de Judas* apresenta algumas ideias que já estavam implícitas no de *João*. Mesmo que essa interpretação dos fatos não tenha sido a versão aceita pela ortodoxia cristã, e que o *Evangelho de Judas* seja considerado apócrifo, o fato é que, desde a Antiguidade, alguns grupos questionavam a versão oficialmente aceita do relato das ações de Judas. Sobre o assunto, muito antes da descoberta do apócrifo, escreveu George Steiner (2001, p. 403):

Até pelo menos o fim do século cinco ou início do seis da era cristã, Judas era reverenciado em certas comunidades religiosas pelo sacrifício que fez ao aceitar aquele papel, pela santidade que tal ato por força exigiria. Foi ele quem desencadeou o milagre da Cruz e, portanto, a salvação da humanidade pecadora.

Steiner se refere as chamadas comunidades gnósticas³. Não temos como saber até que ponto essa releitura da vida de Judas foi aceita como verdade. Mas, mesmo tendo sido rejeitada como falsa pelos cristãos, ela nunca desapareceu totalmente e, de uma forma ou outra, vai ser retomada no futuro. Obviamente, como o *Evangelho de Judas* só foi divulgado em 2006, *Os poemas possíveis* foi publicado em 1966, Saramago não poderia ter se inspirado diretamente nele⁴. Seja como for, o fato é que, mesmo que esse apócrifo

³ Deve-se destacar o fato de que, desde a descoberta da Biblioteca de Nag Hammadi, em 1945, a literatura sobre os gnósticos foi crescendo de forma abundante. A presença da figura de Judas nessa literatura é algo a ser estudado e poderia trazer novas luzes sobre o processo de reabilitação da figura do apóstolo.

⁴ Saramago deve ter tido contato com essas ideias pela leitura de livros que tratam do assunto. Talvez a sua biblioteca contenha alguma obra que possa ter servido de inspiração como obras sobre o gnosticismo ou sobre os livros apócrifos. Ou ele pode ter consultado algum livro nas bibliotecas que frequentou. Infelizmente não temos nenhum estudo sobre as leituras que fez nas

tenha estado fora de circulação por séculos, sua visão heterodoxa sobre o papel do apóstolo na vida de Jesus não desapareceu totalmente. O que a descoberta do apócrifo vai permitir é um maior conhecimento sobre o assunto.

Tanto é que essa visão positiva do papel de Judas ao entregar Jesus reaparece em diferentes momentos e vai partir dos mesmos pressupostos presentes no evangelho apócrifo. Ela está presente na obra de Jorge Luis Borges que, em 1944, no livro *Ficciones*, publicou o conto *Tres versiones de Judas*, que tem alguns pontos em comum com ele, rejeitando a ideia de que foi um traidor. No capítulo 38 do livro *Beelzebub's Tales to His Grandson*, do místico George Ivanovich Gurdjieff, publicado em 1950, Judas vai ser apresentado da mesma forma, como o mais fiel seguidor de Cristo, tal como no *Evangelho de Judas*.

Aparece também no romance *A Última Tentação de Cristo* (*Ο τελευταίος πειρασμός*), publicado em 1955 pelo escritor grego Níkos Kazantzákis, e no livro *Judas Iscariote, el Calumniado*, de Juan Bosch, que também foi publicado em 1955. Mesmo que nenhum deles tenha se inspirado diretamente no *Evangelho de Judas*, o fato é que todos os que procuram reabilitar a figura do apóstolo partem dos mesmos princípios, que até então eram conhecidos. O poema de Saramago é só mais um texto dentro de uma série de obras que adotam a versão heterodoxa da história de Judas.

Na próxima seção, iremos estudar o poema *Judas* de José Saramago. Procuraremos identificar o modo como Saramago produz uma releitura da figura do apóstolo a partir do diálogo com os diferentes pontos de vista bíblicos apresentados nesta seção e como seu texto se encaixa dentro de uma longa linhagem de obras que, ao questionarem os ensinamentos do Cristianismo, procuraram reabilitar a figura de Judas.

3 A RELEITURA SARAMAGUIANA DO PAPEL DE JUDAS NA VIDA DE JESUS

Judas é o nono poema da seção *Mitologia* de *Os poemas possíveis*, livro publicado em 1966, por José Saramago. O poema é composto de duas estrofes, com 6 e 4 versos, sem rima, sendo a maior parte deles decassílabos. A divisão em duas partes corresponde, como veremos ao longo da análise, a uma divisão temática: a atuação da divindade e o papel do apóstolo. É importante destacar o fato de que, no que diz respeito ao tema, *Judas* se ajusta aos outros textos da seção:

A terceira seção, intitulada “Mitologia”, circunscreve uma poesia, segundo Cristina Serôdio (1999), agregada no desejo de superação da contingência humana, potencializados pela negação e incredulidade, bem como pela “premência da humanização do divino como

bibliotecas, nem temos nenhuma tentativa de catalogação das leituras que fez a partir das fontes disponíveis (textos, entrevistas, cartas, etc.). Tudo isso ajudaria na identificação das suas fontes. É preciso que, no futuro, sejam realizados trabalhos visando à catalogação de seus livros. Isso é de fundamental importância para um melhor conhecimento de suas leituras, da sua formação intelectual, de suas fontes de informação e de referência, entre outras coisas. Além disso, seria necessário o exame dessas obras com o objetivo de buscar e estudar as anotações e sublinhados que ele possa ter feito.

possibilidade de preenchimento do lugar esvaziado e de superação da solidão” (SGARBI, 2013, p. 18).

Ao mesmo tempo, no que diz respeito às influências, os poemas dessa seção apresentam tanto a influência do neoclassicismo quanto a de alguns elementos do Cristianismo:

É passível de observação dentro da textualidade de “Mitologia”, segundo Horácio Costa (1997), a referência ao neoclassicismo, já que influências horacianas e reisianas se efetivam em muitos dos poemas. Nesta esfera, desenha-se também uma perspectiva niilista da promessa cristã em que os deuses reduziram o homem à sua condição precária (SGARBI, 2013, p. 18-19).

Ao longo de nossa análise, veremos como *Judas* se enquadra nessas categorias. Como os poemas da primeira edição de *Os poemas possíveis* sofreram alterações na segunda edição decidimos trabalhar com a segunda versão, partindo do princípio de que é a versão definitiva do poema:

Judas

Do pão, o corpo; o sangue, deste vinho;
Das misérias do homem, divindade:
Nada põem de si os deuses vãos.
Nesta mesa da terra se restauram,
Tudo lhes é sustento, comem tudo,
Que tudo lhes prolonga a duração.

Um corpo de enforcado é alimento,
Um barão faz escada para os céus,
É trono uma figueira, é luz moedas:
Sem Judas, nem Jesus seria deus.
(SARAMAGO, 1981, p. 96).

No primeiro verso, o eu poético deixa claro que irá se referir ao Cristianismo de matriz católica ao fazer menção ao sacramento da eucaristia: “Do pão, o corpo; o sangue, deste vinho” (SARAMAGO, 1981, p. 96). Para o catolicismo, “Sob a forma do pão e sob a forma do vinho recebemos o corpo e o sangue de Cristo, e participando do mesmo corpo e do mesmo sangue de Cristo” (SOUZA, 2009, p. 10). Não é algo meramente simbólico como para o protestantismo.

Ao se referir ao pão como o corpo e o vinho como o sangue, o eu poético tem o propósito de apresentar aquilo que, para os cristãos, é visto como um sinal inequívoco da presença de Deus entre os homens, além de ser um memorial do sacrifício de Cristo, que foi o caminho de salvação dado aos homens. O segundo verso é uma espécie de continuação do anterior porque apresenta outra forma de atuação desse Deus: “Das misérias do homem, divindade” (SARAMAGO, 1981, p. 96). Esse verso pode ser

associado ao discurso que Jesus fez aos doze apóstolos, citado em *Mateus* 11:28-30 (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1297):

28 Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. 29 Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. 30 Porque meu jugo é suave e meu peso é leve.

Contudo, isso não quer dizer que o eu poético veja na divindade uma fonte de alívio para as misérias, pelo contrário. O objetivo dele é desconstruir alguns pontos importantes do Cristianismo. Aqui, “desenha-se também uma perspectiva niilista da promessa cristã em que os deuses reduziram o homem à sua condição precária” (SGARBI, 2013, p. 18-19). Até porque, após apresentar os exemplos anteriores de manifestação ou atuação divina, o eu poético dá o seguinte esclarecimento “Nada põem de si os deuses vãos” (SARAMAGO, 1981, p. 96). Essa visão negativa da divindade não é de se surpreender, diante do ateísmo de Saramago, e será retomada posteriormente, com maior profundidade, nos romances *O evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim* e em algumas entrevistas.

O importante é que com essa explicação o eu poético nega a ideia de que tudo tem uma origem divina, o que implicaria na negação do próprio Cristianismo. Mas, como veremos na continuação, é também uma rejeição da ideia de que os deuses não têm nenhuma relação com os homens, tal como vamos encontrar, por exemplo, na filosofia epicurista. Essa negação irá servir de base para o desenvolvimento de um novo ponto de vista sobre a divindade, que é apresentado nos três últimos versos da primeira estrofe, para só na estrofe seguinte abordar a questão referente à atuação de Judas.

Além disso, é importante destacar o fato de que, a partir do terceiro verso até o final da estrofe, apesar de o poema ter como base a religião cristã, o eu poético fala em deuses, não em deus, como seria de se esperar. Consequentemente, para ao eu poético, o Deus cristão passa a ser visto como um entre outros deuses e não o único, como defende o Cristianismo – o que não quer dizer que, obrigatoriamente, o eu poético defenda a ideia de que a divindade tenha uma existência real. Ele pode estar simplesmente expondo o ponto de vista de quem acredita nela, o que faria dele um teísta.

Em primeiro lugar, no quarto verso o eu poético diz que “Nesta mesa da terra se restauram” (SARAMAGO, 1981, p. 96). O eu poético promove uma inversão de valores porque já não é mais a natureza que é restaurada pelos deuses, é o contrário. Além disso, era de se esperar que uma divindade não precisasse de nada, mas na prática não é o que acontece. Num sentido mais restrito, o eu poético tem em mente os sacrifícios que os adoradores das mais diferentes religiões realizam. Por isso, a Terra é metaforicamente comparada a uma mesa, já que tudo o que é produzido serve para lhes restaurar.

Por isso, no quinto verso o eu poético diz que “Tudo lhes é sustento, comem tudo” (SARAMAGO, 1981, p. 96). Ao utilizar a palavra *tudo*, a princípio, o eu poético pode estar englobando as diferentes formas de sacrifício adotadas pela maioria das religiões (de animais, humano, de plantas, de alimentos, de bebidas e de objetos de modo geral). Contudo, o termo pode indicar que a sua concepção não se limita às coisas

concretas. Isto é, um sacrifício pode envolver elementos imateriais, algo que o fiel oferece por meio de uma ação:

Os sacrifícios espirituais que aparecem no Novo Testamento são sacrifícios imateriais, sem rituais prescritos, referindo-se a “todo ato do indivíduo controlado pelo Espírito Santo, que pode ser considerado como um Sacrifício Espiritual, o que é aceito por Deus”, esse é o sacrifício vivo, santo e agradável ao Senhor (HENDRIKSON, 2009, p. 130).

Em *Hebreus* 13:15 lemos: “Por ele ofereçamos a Deus sem cessar sacrifícios de louvor, isto é, o *fruto dos lábios* que celebram o seu nome” (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1538). O texto se refere ao ato de cantar um hino a Deus, mas isso não quer dizer, conforme lemos na citação anterior, que outras ações não possam igualmente ser vistas como uma forma de sacrifício. Portanto, nós podemos incluir aqui tudo aquilo que é feito com o mesmo objetivo. É importante destacar que, apesar de o poema ter como base o Cristianismo, o eu poético está fazendo uma crítica que envolve a religião como um todo.

No sexto verso, temos a explicação da finalidade desses sacrifícios: “Que tudo lhes prolonga a duração” (SARAMAGO, 1981, p. 96). O eu poético, certamente, não defende a ideia que os deuses se alimentam literalmente daquilo que lhes é ofertado. Se, como foi dito a respeito do terceiro verso, o eu poético não defende, obrigatoriamente, a existência real dos deuses, nós podemos supor que a duração a que está se referindo diz respeito a da crença. Ou seja, se o sacrifício é uma forma de adoração podemos dizer que a manutenção destes sacrifícios faz com que, mesmo não existindo, os deuses criados pelo homem continuem sendo adorados.

Se um deus deixa de ser cultuado, ele passa a não ser mais reconhecido como uma verdadeira divindade. Ao mesmo tempo, o término da crença na sua existência só é possível porque seu culto é uma invenção humana. De certo modo, isto foi o que aconteceu com a religião dos romanos e de outros povos, cujos deuses deixaram de ser objeto de adoração. A noção de que os deuses existem como algo real se mantém enquanto são adorados pelas pessoas. A visão que o eu poético tem a respeito do divino pode ser vista como um reflexo do ateísmo de Saramago.

Dentro desse ponto de vista, isso englobaria o próprio Deus cristão, que também não teria uma existência real. Podemos dizer que essa afirmação é o fundamento a partir do qual a segunda estrofe será construída, na qual é apresentada a releitura saramaguiana da figura de Judas. No sétimo verso é dito que “Um corpo de enforcado é alimento” (SARAMAGO, 1981, p. 96). Esse verso se apropria intertextualmente do relato de *Mateus* 27:5, que diz que Judas se suicidou por enforcamento: “Ele jogou então no templo as moedas de prata, saiu e foi enforcar-se” (BIBLIA SAGRADA, 2005, p. 1319). Se, como o eu poético afirmou na primeira parte, tudo serve de alimento aos deuses, não é de surpreender que o cadáver de Judas também sirva.

No oitavo verso, o eu poético explica que “Um baraço faz escada para os céus” (SARAMAGO, 1981, p. 96). O termo *baraço* significa tanto a corda utilizada para se enforcar quanto o laço da forca. Na forca, o corpo tende para baixo, estrangulando a vítima, mas aqui ela, além de simbolicamente servir de alimento, representa um meio de

se ascender aos céus. O eu poético pode estar dialogando intertextualmente com três passagens da *Bíblia*. Em primeiro lugar, com *João* 3:13 (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 1387): “Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem que está no céu”. Ou seja, assim como o versículo, o poema também está se referindo a Cristo.

A segunda é *Atos* 1:1-2 (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 1413): “1 Em minha primeira narração, Teófilo, contei toda a seqüência das ações e dos ensinamentos de Jesus, 2 desde o princípio até o dia em que, depois de ter dado pelo Espírito Santo suas instruções aos apóstolos que escolhera, foi arrebatado (ao céu)”. Por fim, a terceira está no versículo 11 deste parágrafo, quando dois anjos aparecem e dizem aos discípulos: “Homens da Galiléia, por que ficais aí a olhar para o céu? Esse Jesus que acaba de vos ser arrebatado para o céu voltará do mesmo modo que o vistes subir para o céu” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 1414).

A partir da leitura dessas passagens bíblicas, nós podemos dizer que, para o eu poético, a força foi o caminho utilizado por Jesus para ascender aos céus – para que ele deixasse de ser um mero homem e assumisse definitivamente sua divindade. O que não fica claro é se, para o eu poético, isso foi ou não intencional. No contexto da diegese do poema, esse processo de divinação poderia ter acontecido por acaso ou pode ter sido fruto de um plano divino. Nesse sentido, o Judas do poema estaria relacionado com o relato de *João* 13:27 (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 1403): “Logo que ele o engoliu, Satanás entrou nele. Jesus disse-lhe, então: “O que queres fazer, faze-o depressa””. Ou seja, ele não foi um simples traidor, mas alguém escolhido para exercer um papel na história.

Esse raciocínio continua a ser desenvolvido no nono verso: “É trono uma figueira, é luz moedas” (SARAMAGO, 1981, p. 96). A figueira, segundo a tradição, seria a árvore na qual Judas teria se enforcado, o que não tem base bíblica:

Mitos envolvendo árvores são comuns e a figueira aparece em vários deles como amaldiçoada ou assombrada, tendo como explicação recorrente o fato de ter sido em uma planta dessa espécie que Judas teria se enforcado (Porteous, 2002). Os evangelhos não dão detalhes sobre o suicídio de Judas, mas se consolidou a tradição de que teria sido em uma figueira que ele teria cometido o tresloucado ato (MING; MENEZES; GUERRA, 2011, p. 40-41).

A árvore no qual Judas se enforcou foi o elemento utilizado por Deus para entronizar Cristo como rei, por seu papel no processo de deificação de Jesus. A imagem de Cristo como rei sentado em seu trono remete a *Mateus* 19:28 (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 1308): “Respondeu Jesus: “Em verdade vos declaro: no dia da renovação do mundo, quando o Filho do Homem estiver sentado no trono da glória, vós, que me haveis seguido, estareis sentados em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel””. Assim a figura do trono estaria representada.

Assim, novamente o eu poético reforça o papel do apóstolo no processo de deificação de Cristo. Fato que ele confirma no último verso, quando ele afirma: “Sem Judas, nem Jesus seria deus” (SARAMAGO, 1981, p. 96). Ou seja, Jesus não seria um deus porque tem origem divina. Jesus também não é um deus porque é uma divindade encarnada em um ser humano. Na visão do eu poético, o que faz de Jesus um deus foi o

ato de traição de Judas. Esse ato foi a base a partir da qual toda uma mitologia em torno da figura de Cristo teria sido construída. Ideia que é reforçada pelo fato de Saramago escrever deus em minúsculo, não em maiúsculo, como é feito pelos cristãos, como um meio de diferenciar o verdadeiro Deus daqueles que foram inventados pelo homem.

Saramago, mesmo que, a princípio, apresente algumas ideias próximas daquilo que foi dito *Evangelho de Judas* e presentes em outros autores que procuraram reabilitar a figura de Judas, segue um caminho totalmente diferente. No poema, o eu poético nega o caráter divino do Cristianismo, ao afirmar que o papel do apóstolo foi o de transformar um homem num deus. Lembrando que a teologia cristã afirma que Deus se fez homem. Essa releitura será, posteriormente, retomada no romance *O evangelho segundo Jesus Cristo*, no qual Judas também não é um traidor:

Jesus planeja ser crucificado como rei dos judeus. Com isso, pretende burlar as intenções de Deus, que espera vê-lo crucificado como seu filho, a fim de que sua morte amplie seu poder. Para alcançar seu intento, Jesus precisa de alguém que o denuncie. Os discípulos se negam a isso, mas Judas Iscariotes se dispõe a ajudar seu mestre. Ao contrário do dizem os evangelhos, no romance de Saramago, Judas não é o traidor: ele obediente e solidário, pois ajuda Jesus na realização de seu plano (RÖHRIG, 2014, p. 148).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do tempo, o ateísmo de Saramago não foi um impedimento para que ele se apropriasse de diferentes elementos cristãos para a construção de sua obra, o que inclui a sua produção poética. Pelo contrário, ele utilizou a literatura cristã para criticar e questioná-la e a igreja como instituição. Ao analisarmos o poema *Judas*, podemos identificar o modo o como escritor discute alguns assuntos referentes à noção de Deus. Ao mesmo tempo, o autor retrabalhou alguns elementos bíblicos para apresentar uma nova visão do papel do apóstolo Judas na vida de Jesus. Essa releitura da Bíblia é um dos recursos utilizados por Saramago para o questionamento daquilo que o Cristianismo ensina. Por isso, se quisermos conhecer melhor a obra de Saramago e suas ideias a respeito de determinados assuntos, não podemos ignorar o conjunto de produção poética.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. **Judas Iscariotes e Matias**. Audiência geral, 18 out. 2006. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20061018.html.

BÍBLIA SAGRADA: Edição Pastoral-Catequética. 168. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2005.

GREEN, Samuel. **O Evangelho de Barnabé**. Tradução de Wesley Nazeazeno. Disponível em: <https://www.answering-islam.org/biblia/barnabe.html>.

HENDRIKSON, Elias. **O cálice Sagrado**. Joinville: Clube de Autores Publicações S/A, 2009.

MARTINHO, Fernando J. B. “Para um enquadramento periodológico da poesia de José Saramago”. In: OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes de (org.). **Revista 7faces** – Edição Especial, Natal, v. 1, n. 1, p. 29-45, 2010. Disponível em: http://www.revistasetefaces.com/2012/07/7faces-caderno-revista-de-poesia_22.html.

MESSADIÉ, Gerald. **História geral do Diabo: da Antiguidade à época Contemporânea**. Lisboa: Europa-América, 2001.

MILLOS, Samuel Pérez. **Comentario Exegetico Al Texto Griego del Nuevo Testamento: Mateo**. Barcelona: Editora Clie, 2009.

MING, Lin Chau; MENEZES, Maria de Nazaré Ângelo; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. Figo, história e cultura. In: LEONEL, Sarita; SAMPAIO, Aloísio Costa (orgs.). **A figueira**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 9-55 p.

OLIVEIRA, Késia Rodrigues de. **Sob o signo de Judas: reescritas literárias da traição**. Dissertação (Mestrado em Literaturas Modernas e Contemporâneas) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-AD7SDX>.

RÖHRIG, Maiquel. A violência divina denunciada nos romances de José Saramago. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 141-157, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/49859>.

SANTOS, Wilgner Murillo da Conceição. Apóstolo e avarento, traidor e herói: as representações literárias de Judas Iscariotes. In: **Anais Eletrônicos do Festival literário de Paulo Afonso - Flipa**, Paulo Afonso, 2015. Paulo Afonso: Faculdade Sete de Setembro, 2015, p. 7-20. Disponível em: <https://www.fasete.edu.br/eventos/flipa/anais/internas/conteudo/resumo.php?id=5>.

SARAMAGO, José. **Os poemas possíveis**. Lisboa: Caminho, 1981.

SGARBI, Elielson Antonio. **A poesia de José Saramago: análise de Os poemas Possíveis, Provavelmente Alegria e O ano de 1993**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103676>.

SOUZA, Rodrigo Augusto de. Tomai, todos, e comei: Considerações sobre a teologia da ceia eucarística nos primeiros séculos do cristianismo. In: **Jornada de Estudos Antigos e Medievais, VIII / Jornada Internacional de Estudos Antigos e Medievais, I**,

Maringá, 2009. Maringá: UEM, 2009, p. 1-16. Disponível em:
www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/84.pdf.

STEINER, George. **Nenhuma paixão desperdiçada**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ZILLES, Urbano. Evangelho de Judas. **Revista Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 36, n. 134, p. 905-915, 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/teo/article/view/1769/1302>.